

FÓRUM INSTITUCIONAL

(06/03/2018)

DA COVARDIA MORAL AO BURACO DO ETNA, DO QUE SE TRATA?

Estamos começando hoje nossas atividades de 2018 e vou aproveitar esta ocasião para tratar de alguns temas que irão se repetir, em nossas atividades regulares, durante este ano. Considerando que a psicanálise, embora seja única, ela se pluraliza, desde quando cada analista a inventa, no momento que a pratica e, dessa maneira, pode-se ter uma diversidade de leituras sobre o que vou comentar.

Para tratar do humor, dos afetos, das emoções, na Psicanálise, antes de nomeá-los, classificá-los, defini-los, alguns fundamentos da Psicanálise e da prática analítica deverão ser estabelecidos.

Lacan, em torno dos anos setenta, concebeu uma estrutura que contemplava a Psicanálise, não mais como uma cadeia de significantes, como no estruturalismo e que estava implicada à teoria da comunicação, mas como uma condição formalizada a partir de uma relação de letras e significantes que mantêm uma vizinhança topológica e uma relação covariante entre eles; trata-se de uma estrutura que se constitui sob a forma de uma “rede” e que se torna enriquecida pela polifonia. Ele a nomeou de “*Lalangue*”, escrita numa só palavra e, aqui, numa tradução e transliteração para o brasileiro, vou nomeá-la de **Lalíngua** e que foi nomeada, também, de *Linguisteria*, de “*Outro Real da linguagem*”.

Mais tarde, Lalíngua foi representada através de um objeto topológico identificado como uma *cadeia borromeana*. Uma estrutura formada por três anéis que se enlaçam de uma maneira especial, em que um primeiro, representante do Simbólico, é colocado sobre um segundo, representante do Real, tocando-o em dois pontos, e, por fim, um terceiro, representante do Imaginário, que irá encadeá-los, passando por cima do que está por cima e por baixo do que está por baixo, sem que nenhum penetre no buraco dos outros dois. Essa estrutura mantêm uma propriedade invariante, onde se qualquer um dos anéis for retirado, os três se separam de uma maneira automática.

Essa *estrutura borromeana* incorpora e contamina o Humano e, por extensão, vou referir à hipótese de um **Sujeito primitivo**, antes dele ter nascido, ou mesmo de ter sido concebido, deslocando-os da Natureza à Cultura. Essa operação de Lalíngua vai determinar uma “**perda**” radical e irreversível em sua estrutura, que embora possa se metaforizar na “perda dos anexos embrionários”, não é disso que se trata; essa intervenção de Lalíngua vai produzir um **Sujeito** marcado por uma “falta a Ser”, que nunca se desfaz.

Que *Sujeito* é esse da Psicanálise? Ele não corresponde a uma noção comum que faça parte de qualquer outra área do conhecimento, mas testemunha um desenvolvimento do ensino de Lacan, como um “**Ser-de-linguagem-e-sexo**” que não deve confundido com um Ser vivo, com uma anatomia, fisiologia e genética, mas sob o estatuto de uma **função**,

no próprio sentido matemático do termo e, assim, é um Sujeito sem cor, sem idade e que passa a ser sustentado por um Corpo.

Com efeito, esse **Sujeito** da Psicanálise, se produz sempre em “ato”, colocado a cada vez, “num mesmo ponto de partida... que lhe supõe um passado infinito e... um futuro que não o é menos”¹, sendo representado por um significante (S1), que não lhe assegura sua identidade de Ser de Sujeito.

No final de seu ensino, Lacan vai jogar com uma polifonia, no francês, entre (S1) e “**P’essaim**” (“o enxame”), procurando formalizar essa condição através de um axioma, “**Há do UM**”, que estará implicado a estas três dimensões do tempo, onde o *Momento de Concluir* interfere no *Tempo para Compreender* e determina o *Instante de Ver*, determinando para o Sujeito sempre o valor instantâneo de uma evidência. Este significante que o representa (S1), se formaliza, também, através de um axioma, como “**Há do UM**”, isto é, como um “Dizer” que sempre afeta o Sujeito.

Este **Ser-de-linguagem-e-de-sexo** vai se manter durante toda sua ex-sistência, separado das coisas e dos objetos que fazem parte de suas diferentes realidades e do próprio corpo que o sustenta. Por isso mesmo, suas relações desde as mais precoces, aquelas da ordem da necessidade e relacionadas a seu ciclo biológico, àquelas mais complexas, como a escolha de seus objetos, o que está relacionado ao seu desejo, suas posições sexuais, entre outras, não dependem de qualquer saber instintivo, ou a uma questão relacionada ao organismo, à fisiologia, aos hormônios, mas vão estar implicadas aos efeitos causados pelo próprio somatório de LaÍngua. Por isso mesmo, este Sujeito, da Psicanálise, só pode ser identificado e avaliado, a partir da prática de uma *análise em intenção*.

Quanto ao que se **perde**, no ato de sua constituição, vai determinar a presença de um **Buraco**, em sua estrutura, que Lacan denotou pela letra (a) minúscula e que funda o campo do objeto, na Psicanálise: o “objeto pequeno (a)”, causa do desejo e um aperitivo de gozo. Por uma condição topológica, estrutural e lógica, esse “objeto (a)” vem determinar uma dimensão tragicômica na ex-sistência do **Sujeito**, pois todas as vezes que ele crê tê-lo encontrado, “*não é isso*” de que se trata, pois, o objeto sempre lhe escapa. Assim, é um objeto sempre buscado e impossível de ser alcançado.

Por definição, esse “objeto (a) não faz parte do campo das representações, de qualquer realidade perceptiva, é algo de que não se pode falar, ele é “*obsceno*”, a partir de uma homofonia, no francês, que Lacan estabeleceu entre “*hors scène*” (“fora de cena”) e “*obscène*”; por fim, ele é causa para o próprio enlaçamento da cadeia borromeana.

Lacan, a partir de certo momento de seu ensino, estabeleceu uma homeomorfia entre o **objeto (a)** e o **Sujeito**. Em seguida, procurando acrescentar novos elementos à cadeia borromeana, inscreveu o Sujeito no “coração” da estrutura borromeana, atribuindo-lhe a propriedade de um “artesão”, responsável para produzir seus artefatos e, sobretudo, tornando-o capaz de inventar o Saber inconsciente que o determina.

Nesta posição, o **Sujeito** passa a sofrer efeitos destas três dimensões - Real, Simbólico e Imaginário – que constituem diferentes campos de gozo, inclusive em suas intersecções, tendo que se proteger das consequências dessa estrutura, que se sustenta no Real, e que

1 Lacan, J., Sem. XV, L’Acte Psychanalytique, aula de 29/11/1967. Edição não comercial da Association Lacanienne Internationale.

atua sobre os pensamentos e o corpo que o sustenta. Assim, este “**Ser-de-linguagem-e-sexo**”, este **Sujeito dividido** assume a condição do próprio objeto da Psicanálise, só podendo ser avaliado numa análise e que guarda uma face do *Real*; assim, o **Sujeito** passa a ser concebido como “uma resposta do *Real*”.

A partir dessa condição estrutural, instituída a partir da cadeia borromeana, o **Sujeito** se realiza a cada vez, em “ato”, sobre uma “superfície primordial”, que não está relacionada a um espaço euclidiano, mas a um tipo de “hiperespaço”, a um “espaço *Real*”², que ele ocupa, situado entre dois cones do Tempo. O primeiro, de um tempo que o antecede e o segundo, de um tempo que o sucede a cada “ato”, colocando-o sempre num mesmo ponto de partida, a cada momento que se realiza. Uma condição que só poderá ser identificada e avaliada, numa Análise em Intensão.

Tendo apresentado alguns fundamentos da Psicanálise e da prática analítica, vou considerar que Lacan, desde o seminário sobre “*A Angústia*” (Sem. X), quando tratou dos “afetos e das emoções”, procurou, de início, colocá-los próximo às “Paixões da alma”. Todavia, na sequência do seminário, quando comentou sobre a “Emoção” (“*Emotion*”), embora tenha considerado a importância dos trabalhos de Kurt Goldenstein, quando acrescentou algo de orgânico para estas manifestações, logo em seguida, procurou afastá-los dessa aproximação com a medicina, passando a implicá-los aos próprios efeitos de *Lalíngua*. Desta maneira, acrescentou a condição de um **anti-anatomismo** essencial para a Psicanálise, atribuindo a estas manifestações afetivas, uma relação com as “**paixões do Ser**”.

Embora se possa considerar, de uma maneira geral, que os “afetos e as emoções” tendem a harmonizar o “eu em seu mundo” e, mesmo, quando eles são institucionalizados, em diferentes formas sociais, como Lacan comentou em relação à ordem médica e mesmo religiosa, considerando, por exemplo, no budismo, uma tendência a uma “dor de existir”, a uma “dor em estado puro”, no final de seu ensino, ele procurou excluir estas condições afetivas, sobretudo, os afetos depressivos e a tristeza, destas perspectivas coletivizantes.

Assim, buscou colocá-los em relação a uma norma que reenvia a um efeito da estrutura e que se constrói em relação a um “bem dizer” que estabelece essa relação do Sujeito com os *Gozos*, expressando uma desarmonia, um desacordo com seu im-mundo, com o “Eu” e mesmo com o corpo que o sustenta.

Dito de outra maneira, a partir da presença da cadeia borromeana, como a estrutura da Psicanálise, com sua invenção do “objeto (a)” e, ainda, com a ex-sistência deste *Ser-de-linguagem-e-de-sexo*, ocupando o “coração” da estrutura borromeana, Lacan passou a considerar que estas manifestações afetivas, mesmo que possam ter alguma relação com alterações físicas do corpo, como palpitações, problemas respiratórios, descargas de adrenalina, entre muitas outras, ou ainda, que estejam relacionadas com a alegria, a tristeza, com o mau humor, com o entusiasmo, com o riso e a beatitude, elas deixavam de ter o valor de uma “patologia”, para o Sujeito, passando a representar efeitos do *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, “que **deveriam ser sempre verificados**”, na prática analítica

Aqui, esta expressão “**devem ser verificados**” está relacionada à própria condição de *Lalíngua*, da lógica e da estrutura borromeana, para que se possa identificar o que é

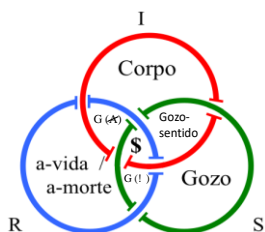
2 Lacan, J., Sem. XVI, *D'un Autre à L'autre*, aula de 04/12/1968. Documento interno da Association Freudienne Internationale.

verdadeiro ou falso, sobre “os afetos e as emoções”, na análise, desde quando estas manifestações não se apresentam como uma verdade assegurada. Se Freud já afirmava que os “afetos se deslocam”, Lacan veio considerar que eles quando se mostram, na análise, devem sempre “passar por este corpo que digo estar afetado apenas pela estrutura... e do que prevalece do inconsciente nesse efeito” (Televisão).

Vou acrescentar, ainda, que eles devem ser verificados e avaliados a partir de efeitos dos diferentes campos de gozo produzidos, na **cadeia borromeana**, através de condições que se expressam como uma desarmonia, um desacordo entre o **Sujeito** e as relações que ele estabelece com o objeto, com a falta do objeto e, mesmo, com o próprio corpo que o sustenta.

Aqui, vou levantar uma hipótese mística que evoca uma questão de fé. Esta condição topológica apresentada através da cadeia borromeana que incorpora esse Sujeito primitivo, ela possibilita a suposição de um gozo originário na relação do **Sujeito** com a natureza, ou com o paraíso e que, pelo efeito dessa operação linguageira e topológica, ele se transmuda num gozo místico, equivalente a um “pecado original”, que vem produzir uma “culpa” que o acompanha, de uma maneira permanente, por toda sua ex-sistência. Desta maneira, o Sujeito será sempre culpado.

A partir das relações que vai desenvolvendo e que se expressam através desses diferentes tipos de gozo, identificados como *gozo fálico* [G (Φ)], *gozo do Outro*, ou *gozo do Corpo* [G (A)], de um *gozo-sentido* e, ainda, de um *gozo do objeto*, que o intima e o convoca a repetir, numa busca insistente, isso que o faz sofrer e que o colocará com um consentimento ao “mau”, em relação ao Outro, que nem mesmo existe, ao “outro”, um semelhante, e também, em relação a ele mesmo.



A perda desse gozo primitivo se acrescenta como causa de uma motivação, de um voto que transforma o sofrimento, na causa do desejo e nas “paixões do Ser” (amor, ódio e ignorância) para se constituírem como defesas secundárias contra esse gozo primitivo que o afetava desde cedo.

Assim, como se pode observar, a psicanálise ao possibilitar a escritura de um “nó”, com a morte, a vida, o corpo e os diferentes tipos de gozo mostrados acima, isso desperta no Sujeito, um inquietante apetite pela morte, sobretudo pela própria morte, que o convoca, que o intima a repetir seus encontros faltosos com o Real, buscando se encaminhar sempre do mal ao pior. Essa é uma intimação que Lacan considerou, a partir do que Freud concebeu como o “superego” e que ordena o Sujeito sempre a gozar e que se expressa nas relações paradoxais que ele mantém como atração, fascinação e intimidade e, ao mesmo tempo, de horror, de estranheza e sideração.

Todavia, vou insistir, esse “pecado original” e sua “culpa”, só poderão ser inferidos e avaliados a partir de uma *análise em Intenção*, quando se presentifica o estatuto de uma Lei, equivalente a “Lei do Pai”, que vai possibilitar essa condição do desejo, como uma

defesa contra o gozo e, ainda, onde se inclui a questão do espaço e do tempo, como referi acima.

Enlaçado nesse lugar de horror, no “coração” da cadeia borromeana, o *Sujeito* procurará, desde cedo, a se defender disso, através de diferentes manifestações somáticas, como os distúrbios fisiológicos da alimentação, do sono e de alterações respiratórias, com distúrbios da pele, entre muitas outras, até que vá adquirindo a função da fala que poderá auxiliá-lo, com mais possibilidades, nesse trabalho de se proteger destes diferentes campos de gozo e desta intimação - “Goza” – incluindo estas manifestações dos afetos.

Lacan quando tratou da “Ética da Psicanálise” (Sem. VII) fez uma visita a vários momentos da Cultura, chamando atenção ao que Hobbes, no sec. XVII, já enunciado que que “**o homem é o lobo do homem**”. Por isso mesmo, era necessário a existência da Lei, para possibilitar um convívio social adequado entre os seres humanos, pois a agressividade e a maldade do homem, em relação ao semelhante e a ele mesmo, precisavam ser contidas.

Contrário a essa posição, Rousseau (Jean-Jacques), já no séc. XVIII, passou a fazer parte de uma condição progressista que foi desenvolvida como uma “Filosofia das Luzes” (Aufklärung). Uma tese que contemplava uma convicção na bondade natural do Homem, que se expressava como - “**os homens são bons**” - devendo-se procurar uma felicidade para todos, mesmo com os problemas que pudessem apresentar.

Mais próximo a nossos tempos, Lacan já tendo feito uma alusão, de início, a Platão, quando afirmou que “**nada é mau de uma maneira espontânea**”, logo em seguida, aproximou-se de uma proposta kantiana, em relação a uma “**Ética**”, que se desenvolvia a partir de um dispositivo formal, onde a significação moral da conduta não dependeria de resultados externos, mas de uma retidão de propósitos. Assim, o comportamento ético é bom, desde que obedeça à lei, independente dos resultados – “**o homem deve agir não só conforme o dever, mas também por dever**”, afirmava Kant. Em sua “Ética”, portanto, ele apagava a noção do “objeto”, considerando que a partir da existência do “objeto”, não se poderia estabelecer uma regra universal em relação à ação humana.

Essa idealização da moralidade kantiana, no entanto, foi modificada por Lacan, a partir do momento que considerou a importância que o “objeto” passaria a ter em todas estas manifestações que afetassem o Sujeito, referindo-se ao que chamou de “fantasma sadiano”. Assim, o “objeto” que estava escondido, em Kant, apareceu através de Sade, como uma expressão de um direito ao gozo (Lacan, em “Kant com Sade”).

Se para Kant, só se poderia gozar do corpo de outra pessoa, com sua permissão, Sade alterava esta ordem, afirmando que se pode gozar do corpo do outro, mesmo sem sua permissão. Nessa leitura que Lacan foi fazendo com Kant e Sade, ele chegou a fazer um acréscimo a esse imperativo sadiano, escrevendo - “você tem o direito de gozar do corpo do outro sem sua permissão e até o limite que quiser”, como um direito de liberdade e direito de gozo. Continuou sua leitura, retomando uma condição que havia sido desenvolvida no séc. XIX, trazendo para a Psicanálise, aquilo que se expressava como a “felicidade no mau”. Algo que sempre aconteceu na humanidade e que apareceu, também, através de Baudelaire, quando considerou que não existiam mais “as flores do bem” e, assim, pôde mostrar “As flores do Mal”. Uma condição que se pode expressar através de Baudelaire, em AS FLORES DO MAL:

-*Eu sou a ferida e a faca!* (Je suis la plaie et le couteau!)
-*Eu sou a bofetada e o lado da cara que apanha!* (Je suis le soufflet et la joue!)
- *Eu sou os braços e a roda que tortura,* (Je suis les membres et la roue)
-*E a vítima e o carrasco!* (Et la victime et le bourreau!)

(Charles Baudelaire, *L'Héautontimorouménos*)

Lacan já procurando implicar a Psicanálise e a prática analítica a estas questões, levando em conta a importância do “objeto (a)”, que ele havia inventado, fez também uma intervenção no trabalho de Freud, afirmando que o “Mal Estar” não é algo da Cultura, mas da estrutura. Algo que se desenvolve a partir da contaminação que a linguagem causa ao Sujeito e que embora possa se dizer, muitas vezes, “feliz”, por este efeito da estrutura, “ele é sempre culpado”. Por isso mesmo, para todo lado “kantiano” que pode se mostrar numa análise, deve-se procurar identificar e avaliar o que vou chamar de um “lado sadiano”.

Vou retomar o título de meu trabalho, indo da “Covardia Moral” ao “Buraco do Etna”, para inaugurar alguns temas para este ano, indo da **Tristeza**, à **Depressão** e, ainda, a **Melancolia** e se for possível, alguns comentários sobre o suicídio. O que se pode tratar, para cada uma destas condições.

Em diversos momentos de seu ensino, Lacan procurou estabelecer uma diferença entre a *Depressão e Tristeza*, aproximando-as, também, com a ideia da “Morte”, como algo que começa a se construir como um “*amor à morte*” e que pode levar ao suicídio.

Em relação à **Depressão**, não é excessivo se considerar um privilégio do Imaginário, onde se produz uma imagem desvalorizada do corpo que sustenta o Sujeito e uma baixa estima do “Eu”. Todavia, não se pode deixar de levar em conta o que se desenvolve no Simbólico, como efeitos do significante e dos ideais, assim como, efeitos do Real, pela presença de diferentes tipos de gozo, que passa a afetá-lo a cada momento.

Estas condições contempladas através da *cadeia borromeana*, repercutem sobre cada Sujeito **Depressivo**, para afastar o termo “depressão”, privando-o de uma referência simbólica garantida, que o fragiliza na dimensão do Imaginário, produzindo um sentimento de *despersonalização* e, mesmo, com queixas de uma desvalorização egoica; uma condição que o faz, também, desconsiderar qualquer projeto a ser avaliado e que se estendem, muitas vezes, com *escarificações* e *automutilações*. Estas manifestações tendem a colocar o **Sujeito** numa posição que vou nomear de “masoquista”, podendo se identificar com um “objeto” em que “*se faz rejeitar*”.

Duas questões paradoxais a se considerar:

- o **Sujeito depressivo** se olha como um objeto, se veste como um objeto, mantendo-se numa condição diferente do **Sujeito**, quando se torna Melancólico e “**se faz de objeto**”, cumprindo, muitas vezes, com essa função de se deixar cair, “de se jogar num buraco, de se jogar no Etna”, como Empédocles.

- embora nessa posição o Sujeito possa se pensar excluído, ao se “cobrir” com vários adereços de objeto, inclusive, como *cadáver*, ele estará sempre incluído numa condição discursiva e estrutural, crendo mesmo que desta maneira, pode se eternizar.

Com efeito, a Psicanálise ao confirmar que o Simbólico reafirma esse axioma de que “o significante é a morte da Coisa”, isso dá ao **Sujeito** uma garantia para ultrapassar os

limites de sua ex-sistência. Dessa maneira, todas as vezes que ele se realiza em “ato”, como um *Sujeito do inconsciente*, já o faz mortificado pelo significante que o representa.

Assim, a morte não deve ser considerada, na *prática analítica*, como uma caducidade que interrompe o fio da vida, mas de que o **Sujeito** pode usá-la, muitas vezes, como uma busca radical à procura de se eternizar, como referi, acima, em relação à Empédocles. Com efeito, esta questão da “morte” está também relacionada a um ato de fé, como algo do “domínio da fé”, em que é preciso se crer nisso, “que se vai morrer... para se suportar a vida”. Só quando o **Sujeito** tem a certeza de seu fim, é que pode suportar o “insustentável peso de Ser” e, assim, de poder adquirir essa condição de “gozar à vida”.

O **Sujeito** ameaçado, algumas vezes, por pensamentos obsessivos para que se mate, tende a se proteger destas convocações de gozo, através de compulsões, correndo sempre o risco de ultrapassar um limite, que possa levá-lo a realizar “**acting-outs**”, que tem em sua virtualidade, a possibilidade de chegar a um limite mais radical, através de uma “**passagem-ao-ato**”, podendo alcançar o sucesso de um “ato bem realizado”, de um acontecimento carregado de uma emoção suprema, muitas vezes silenciosa e que se realiza num suicídio.

Colocado estas questões, como um corolário, quando se procura inferir o que levou Sócrates, Antígona, Hamlet, Tausk, Hemingway, Clérambault, Empédocles, os maoris observados por Marcel Mauss, os monges budistas que se imolam, os “humanos bombas”, ou mesmo, **Sujeitos** considerados “normais” que buscam interromper com um determinado “ato”, os limites de seu ciclo vital, isso só é possível, quando há um fracasso neste “ato” e que o possibilita a falar sobre isso. O que se pode descobrir através deste “ato fracassado”, é que o Sujeito procura se realizar com um determinado valor simbólico, muitas vezes procurando se fazer desaparecer, mas, com isso, de que possa se inscrever nos termos de sua ex-sistência, num lugar além da própria vida, de que, assim, possa se eternizar.

Não é excessivo se considerar que, em geral, o **Sujeito** procura sempre retardar os limites da vida; no entanto, muitas vezes busca apressar este encontro inexorável com o mestre supremo e absoluto que é a Morte, estabelecendo com um Outro, que nem mesmo existe, uma aposta com diferentes formas de gozo, que correspondem às próprias encruzilhadas da vida, já que a vida só quer morrer.

Nessa aposta, o **Sujeito** busca fazer sacrifícios cada vez mais radicais, com elementos do *Imaginário*, através do Corpo que o sustenta, já que o preço *Simbólico* que vem pagando, muitas vezes não é suficiente para recolocá-lo no campo do desejo, de um desejo do Outro, que nem mesmo existe, mas que o protege do gozo da Morte, que se inscreve no *Real*.

Assim, o **Sujeito** oferece a esse suposto Outro, aspectos parciais ou limitados de gozo, através de seus sintomas, com a produção de dores, em colapsos que podem metaforizar pequenas “mortes”, na oferta de pedaços do corpo, ou até mesmo de uma maneira radical, quando o faz com o próprio cadáver, inscrevendo-os como um apelo ao Outro, em busca de que este último ato, que pode se consagrar com a morte, possa reconduzi-lo a “se fazer” o objeto de causa do desejo do Outro, de um Outro que nem mesmo existe e, assim, possa construir uma forma de gozar e de “se fazer gozar”, mesmo com a morte.

É preciso, portanto, observar cada caso, pois a trama significativa que se desfaz, provocando o “ato suicida”, corresponde sempre a uma condição singular do **Sujeito** e que deve ser considerado como uma impressão digital. Todavia, aqui, também como uma extensão deste f(ato) privado, não se deve fazer um escotoma para certos fenômenos sociais, em que a mídia contribui bastante com isso, para que um “ato suicida” possibilite a produção de identificações imaginárias capazes de provocar suicídios subsequentes.

Para ir finalizando, quero convidá-los para uma reflexão mais sutil sobre estas questões, considerando que a Psicanálise ao possibilitar um “nó” que compromete o **Sujeito**, com a *morte*, a *vida*, o *corpo*, com o *desejo* e, ainda, com diferentes tipos de gozo, como se mostra através da própria escritura da **cadeia borromeana**, isso desperta um inquietante apetite pela morte, sobretudo pela própria morte, que se expressa nas relações paradoxais que cada um mantém com ela: de atração, fascinação, intimidade e, ao mesmo tempo, de horror, de estranheza e de sideração.

Esta condição nos conduz a contemplar diversas noções relacionadas com isso. Em primeiro lugar, vou falar da *Tristeza*, que mesmo quando ela se aproxima à Depressão, pois não é disso que se trata. Como estou propondo, a *Tristeza* não é uma condição que corresponda a algo de uma natureza orgânica, como se tende muitas vezes a interpretar, nem mesmo como um “estado de alma”. Ela corresponde a um efeito de *Lalíngua*, que se expressa através da cadeia borromeana e que Lacan passou a concebê-la como uma “falta moral” (Dante), um “pecado”, ou melhor, como uma “COVARDIA MORAL” que afeta p Sujeito e deve “ser verificada”, na análise, quando ela pode se mostrar através de diferentes “figuras da morte”, ou mesmo, de poder “gozar da morte”, sob essa condição.

Ele continuou, ainda, afirmando que a *Tristeza*, como um “dejeito do inconsciente”, rechaçado de *Lalíngua*, pode aparecer como um retorno no Real, num **psicótico depressivo**, ou mesmo, invertendo-se na **Mania**, como uma condição que pode levar à morte, numa situação extrema de “uma não função de (a)”.

Como um paradoxo, no entanto, essa “não função de (a)” se mostra presente e contemplada, no **Melancólico**, onde essa condição do objeto (a), quando cai sobre o Sujeito, mantém-se excluída de qualquer referência fálica. Essa condição do melancólico, portanto, o convoca através de um imperativo de gozo, onde a função fálica fracassa, o “gozo do Outro”, de um Outro que nem mesmo existe ou, mesmo, como o “gozo do Corpo” fica exacerbado.

A função do objeto (a), já presentificado nestas manifestações, vai ocupar, ainda, um lugar, ao se tratar do **LUTO**.

Em primeiro lugar, o que conta nesse trabalho, não é só essa perda de um objeto que se poderia considerar como “causa do desejo”, mas da perda de uma *pessoa amada*, que servia de “suporte” para a manutenção do “fantasma” e que, por extensão, sustenta o desejo, um desejo sempre inconsciente. Assim, aquilo que “se perde”, tende a aparecer como a “falta” de algo que se realiza sob presença de uma idealização, que vai produzir um deslocamento da “perda do objeto”, para a presença de algum traço a ser incorporado pelo **Sujeito**, em luto.

Uma condição, portanto, que promove uma Identificação a um traço do objeto perdido, determinando uma importância na ex-sistência do Sujeito, que tende sempre a atualizar a

presença do objeto perdido. Com efeito, na onda desta “idealização”, deve-se, ainda, considerar um outro lado do objeto perdido, do que se pode chamar de seu “lado mau”, realizando uma “ambivalência” a ser encoberta. Uma condição estrutural e lógica que deve ser, inclusive, observada no que temos sempre considerado como uma “sublimação”.

Dito de outra maneira, há uma tendência, no trabalho do LUTO, a se procurar encobrir com o amor, o ódio e a ignorância, em relação ao “objeto perdido”, obedecendo a um guia que se mantém presente no que vem ao pensamento. Com efeito, a partir da perda desse “a-objeto, de sua ausência, isso pode promover uma “culpa” por seu desaparecimento, com autoacusações e, sobretudo, com outros efeitos do Real, que veem determinar pensamentos obsessivos que se impõem de uma maneira intensa para o **Sujeito**, até mesmo para que ele possa, até mesmo, “se fazer” morrer, se não puder operar esse trabalho do LUTO.

Quero finalizar axiomatizando algumas questões que iremos discutir durante o ano, mas que por uma questão de tempo, não poderei desenvolver hoje:

- estas diferentes condições que estou comentando nessa oportunidade, elas podem ultrapassar certos limites e produzirem “acting-outs” e “passagem-ao-ato”, afetando o Sujeito sustentado por um corpo, que pode ter uma idade de criança, de adolescente, de adulto e idoso, sem que se possa considerar como uma condição patológica. Trata-se de algo que o contamina a partir das diferentes posições que ele ocupa na cadeia borromeana e que são causadas por diferentes campos de gozo dessa estrutura.

- “o ato suicida”, portanto, ao contrário do que em geral se considera, não corresponde a uma condição descontrolada e instantânea, mas faz parte de algo construído e realizado com uma determinada finalidade, que nem sempre corresponde a tirar a vida; muitas vezes, é a forma que o **Sujeito** encontra para se eternizar;

- é um “ato” que faz parte de uma estrutura discursiva e de gozo, onde o **Sujeito** antes de saltar no Etna, já pensou em jogar alguém por lá;

- no acompanhamento que se pode fazer, após o fracasso de um “ato” desta natureza, com uma tentativa de suicídio fracassada, além de internações e o uso de diversas medicações, deve-se convocar o Sujeito, para que com tolerância e prudência possa falar sobre seu “ato” fracassado, mas sobretudo, dos tempos que o antecedeu e do que pode esperar para o futuro.

Por hoje, vou parar por aqui, esperando que me ensinem um pouco mais sobre isso, colocando questões e comentários. Quero agradecer aos colegas de poderem compartilhar algumas ideias sobre estes afetos e emoções, que afeta a cada de nós, em muitos momentos de nossa ex-sistência.

Obrigado.